

Entre Pessoa e Régio, Miguel Torga

José Rodrigues de Paiva

Doutor em Literatura pela UFPE
Prof. do Departamento de Letras da UFPE

Situar Miguel Torga entre Fernando Pessoa e José Régio não é exatamente nem exclusivamente apenas uma questão de cronologia literária ou da ordem do estudo das gerações. É uma inferência estética que se poderá confirmar ou não, a depender dos resultados a que levem a análise que aqui se pretende fazer. Do ponto de vista cronológico Miguel Torga está, sim, depois (embora só um pouco depois) de Fernando Pessoa. Quando este morre, em novembro de 1935, o então jovem Adolfo Correia da Rocha, aos 28 anos de idade, já assinara a edição de seis livros: quatro de poesia – *Ansiedade* (1928), *Rampa* (1930), *Tributo* (1931) e *Abismo* (1932) – e dois de prosa – *Pão ázimo* (1931) e *A terceira voz* (1934) –, adotando neste último o seu nome literário. Tinha começado a escrever *A criação do mundo* e dera início aos registros do *Diário*.

Quanto a José Régio, mais do que antes dele (como pode sugerir o título deste estudo) Miguel Torga está com ele, está ao seu lado. Em termos de data de nascimento faz parte da mesma geração, sendo apenas seis anos mais jovem. Em termos de geração literária ambos vão integrar o grupo geracional e estético da *Presença*, publicamente “oficializado” em 1927 com o lançamento do primeiro número da revista do mesmo nome. Grupo e publicação fundados por Régio e conduzidos sob a sua doutrinação estética, e aos quais Miguel Torga vai aderir em seguida, quase às primeiras horas, para dele se retirar pouco depois, em 1933, por dissidências artísticas e ideológicas.

Se entendida em termos cronológicos ou de geração à qual Torga tenha pertencido (embora depois da ruptura com os presencistas ele não tenha pertencido a mais nenhuma, ou seja, a nenhum outro grupo ou movimento

organizado), a formulação do título “entre Pessoa e Régio” não faria qualquer sentido, porque não há o distanciamento temporal necessário com o segundo para que Torga se situe “entre” os dois. O que pode dar significado ao título é uma questão de natureza estética: a do diálogo que por vezes parece evidente entre a poesia de Torga e a de Pessoa e, embora noutros aspectos, entre a poesia de Torga e a de Régio. Diálogo que se poderia dizer sonante no que respeita a alguns projetos (ou a um certo projeto, sobretudo com relação a Pessoa), alguns temas, traços de estilo e de construção textual, uma certa dicção, um *tom* de voz a que algum apelo retórico-discursivo não é alheio, um certo desespero existencial – sobretudo com relação a Régio – na busca da certeza de um Deus desejado mas que não se deixa ver, na dicotomia barroca da luta entre o Bem e o Mal, do Homem com Deus ou com o diabo ou consigo mesmo e com o que, no próprio Homem, há de Bem e há de Mal. Diálogo dissonante na questão da crença, porque Régio crê ou assim o afirma e Torga não, ou diz que não. Mais dissonante ainda no que diz respeito à função da Arte, à Arte frente à História, com a qual Torga entende que a Literatura deve estar comprometida – embora sem abrir mão de se realizar como Arte –, e Régio não. E é esta, entre os dois, uma das maiores dissonâncias estético-ideológicas.

I

Com relação ao “diálogo” entre a poesia de Torga e a de Pessoa, salta aos olhos (até aos menos “armados”) a concepção/construção de *Poemas ibéricos* – livro de 1965 que retoma e reformula *Alguns poemas ibéricos* publicados em 1952 – e o que ela possivelmente reflete da poética pessoana de *Mensagem*. Reflexo que em Torga se pode ver em termos amplos na macro-estruturação do seu livro como também em certos resultados alcançados em aspectos pontuais, no passo-a-passo de cada poema, em detalhes das micro-unidades formadoras do todo de cada uma das duas obras. “Dialogam”, entre um e outro, a História, representada em vultos grandes, o patriotismo (por Torga preferido ao nacionalismo e penso que por Pessoa também), o tom elevado de uma dicção que se deseja épica, a



intencional aproximação entre a poesia moderna e a tradição (renovada) da epopéia, os temas: a terra, o mar, a História, o mito, a Arte (ou alguns artistas), a realidade e o sonho. Não “dialogam” o iberismo que é de Torga e não é de Pessoa, nem a denotação político-ideológica de que Torga por vezes sobrecarrega alguns poemas e pela qual Pessoa não tem explícito interesse.

O que há de “diálogo” entre um livro e outro de cada poeta “vê-se” como “desenho da construção” das respectivas obras: *Mensagem* estruturada em três partes – embora de modo bastante mais complexo do que o livro de Torga, com as subdivisões que têm a primeira e a terceira –, os *Poemas ibéricos* também, mas sem subdivisões. Subtítulos da primeira parte de *Mensagem* – como “Os campos” e “Os castelos” – que no poema de Pessoa representa a formação do Portugal-território e que na primeira parte do livro de Torga – “História trágico-telúrica” – refletem-se, principalmente no conteúdo temático dos poemas que a compõem: “A terra”, “A raça”, “Fado”, “A miragem”. A segunda parte de *Mensagem*, “Mar português”, parece claramente refletida na “História trágico-marítima”, segunda parte de *Poemas ibéricos*. Também os títulos dos poemas da segunda parte de cada livro: em Torga, “Sagres”, “A largada”, “A espera”, “O regresso”, “O achado”, “Tormenta”, “Mar”; em Pessoa: “O Infante”, “Horizonte”, “Padrão”, “O Mostrengo”, “Epitáfio de Bartolomeu Dias”, “Ocidente”, “Fernão de Magalhães”, “Ascensão de Vasco da Gama”, “Mar português”, “A última nau”, “Prece”.

A terceira parte de *Mensagem* acolhe a poesia e os mistérios do sebastianismo, do Quinto Império e dos seus profetas. Constrói ou reconstrói os seus “Símbolos”, profetiza “Os avisos”, delimita “Os tempos”: o da “Noite”, o da “Tormenta”, o da “Calma”, o da “Antemanhã”, e, do fim do “Nevoeiro”, grita para acordar os irmãos para o futuro da Pátria ou para que a Pátria pudesse ter futuro. Por aí passa D. Sebastião com três nomes diferentes e em três diferentes versões poéticas. Aí se situa o não-lugar do Rei, as suas “Ilhas afortunadas”. Daí discursam os profetas do sebastianismo e do Império por haver e que seria o Quinto: Bandarra, António Vieira e o anónimo que escreve um certo “livro à beira-mágoa”. Na terceira e última parte da *Mensagem* Pessoa substitui a História pelo Símbolo, pelo Mito, pela Profecia. Torga, pelo contrário, na terceira

parte de *Poemas ibéricos* continuará preso à História e à Terra nos perfis dos seus Heróis. Chama-se assim esta parte do seu livro: “Os heróis”. Mas estes ultrapassam, no interesse do poeta, os limites da nacionalidade e das fronteiras do país alargando-se num iberismo que não separa Portugal e Espanha. Torga faz então desfilar, pelos olhos dos leitores, uma galeria de estátuas desses “heróis”, captando em poesia e nela representando os traços que mais identificam cada um no que tiveram de mítico ou de real, de santo ou de guerreiro, de trágico ou de inspirado, de heróico ou de místico, de dramático ou de determinado, de sonhador ou de aventureiro, de realizado ou de frustrado, de violento ou de sensível, de solitário ou de solidário, de vítima ou de algoz, de injustiçado, de violentado... Estes poemas são como estátuas desses heróis, mas nelas o poeta insuflou vida, sentimentos, vozes que falam, em algumas, a primeira pessoa, um “eu” que diz de si o que para o poeta era o mais forte na representação da ventura ou desventura de cada herói. Como por exemplo em “Bartolomeu Dias”: “Eu não cheguei ao fim. / Dobrei o Cabo, mas havia em mim / Um herói sem remate. / Quando os loiros da fama me sorriam, / Aceitei o debate / Do meu destino de predestinado / Com singelos destinos que teriam / Um futuro apagado, / Fosse qual fosse a glória prometida. / E sempre que uma nau enfrenta o mar e o teme, / E regressa vencida, / Sou eu que venho ao leme / Com a Índia perdida.”

Por essa galeria, que abre com Viriato e encerra com Fernando Pessoa e Garcia Lorca, passa um cortejo de mais de duas dezenas de “heróis”. Alguns fundadores míticos das duas pátrias ibéricas, como Viriato e O Cid; outros, continuadores dessas pátrias, como Nun’Álvares e o Infante, Bartolomeu Dias e Vasco da Gama ou Afonso de Albuquerque e Filipe Segundo. Alguns são heróis diurnos e solares, faces que resplendem à luz, como a do Infante ou a de Vasco da Gama; outros são noturnos e soturnos, como Torquemada e Loiola. Alguns são santos, como Santa Teresa ou S. João da Cruz, outros, como Cortez, carregam o estigma do crime. Alguns são mártires, como Inês de Castro; outros são pensadores, como Herculano ou Unamuno; outros são artistas, como Camões, Cervantes, Vieira, Goya, Picasso, Pessoa ou Garcia Lorca, que é ao mesmo tempo artista e mártir.



São estes os “heróis” ibéricos de Torga. À terceira parte do seu livro, fugindo ao modelo (se é que o foi) da divisão tripartida da *Mensagem* pessoana Torga acrescenta, como numa *coda*, uma quarta parte intitulada “Pesadelo” composta por três poemas: “Pesadelo de D. Quixote”, “Não passarão” e “Exortação a Sancho”. Mas também e ainda neste epílogo dos *Poemas ibéricos* se pode ver claramente visto o “diálogo” deste livro com a *Mensagem* de Pessoa. Esse “diálogo” estabelece-se com a parte final, o epílogo do poema pessoano, terceiro e último momento da terceira parte da obra, intitulado “Os tempos”. Pessoa lamenta aqui o fim dos tempos ou de um tempo da Pátria. Uma Pátria que se perde na “Noite”, naufraga na “Tormenta”, ensaia uma espera “Calma” pelo retorno do seu “Rei desterrado”, mas não consegue acordar na “Antemanhã”, nem mesmo se provocada pelo Mostrengo, e que, “Sem rei nem lei, sem paz nem guerra”, desaparece, indiferente, no nevoeiro em que o próprio país se transformara: “Tudo é incerto e derradeiro./ Tudo é disperso, nada é inteiro. Ó Portugal, hoje és nevoeiro...”. Esse Portugal é o do fim do Império sonhado e construído precariamente para logo começar a ser perdido, lentamente perdido. Esse Portugal do “Nevoeiro” final da *Mensagem* é o país ofendido, humilhado e traumatizado pelo *ultimatum* de 1890 e saudosista (ou saudosista) das grandezas havidas e por haver. Só um grito, “É a hora!”, é a única esperança de fazer acordar esse país, fazê-lo sair da letargia das brumas e regressar à luz e à vida.

No epílogo dos *Poemas ibéricos* esse grito é o da *Passionaria* (Dolores Ibarurri), heroína da Guerra Civil Espanhola: “não passarão!” Ele quer defender a Ibéria (e não só a Espanha) do pesadelo que angustia o Quixote, como angustiou Unamuno ou qualquer homem que se quisesse livre numa Ibéria subjugada pelos governos da injustiça. É dessa Ibéria que o Quixote ouve a voz – “Sancho: ouço uma voz etérea / Que nos chama.../ Ibéria, dizes tu?!... Disseste Ibéria?!/ Acorda, Sancho, é ela a nossa dama! // Pois de quem hão-de ser estes gemidos?!/ Pois de quem hão-de ser?!/ Só dela, Sancho, que nos meus ouvidos/ Anda o seu coração a padecer... // Ergue-te, Sancho! Quais moinhos?! Quais?! Ai! Pobre Sancho, que não sabes ver/ Em moinhos iguais/ Qual deles é só moinho de moer!...”. A Ibéria é uma Mãe desesperada que uma outra voz tenta acalmar: “Não desesperes, Mãe!/ O



último triunfo é interdito/ Aos heróis que o não são. Lembra-te do teu grito:/ *Não passarão!* [...]. Não passarão!/ Arde a seara, mas dum simples grão/ Nasce o trigal de novo./ Morrem filhos e filhas da nação,/ Não morre um povo! [...]. Este grito vai ecoar na “Exortação a Sancho”. Um “servo vencido/ na terra sonhada” a quem mandam: “Tem a coragem da verdade nua:/ Olha esta Ibéria que te foi roubada,/ E que só terá paz quando for tua.” E mandam mais: “Venha o teu grito de transfigurado:/ *Ai, no se muera!...*” E a Donzela acorda/ E renega o idílio traiçoeiro. Venha o Sancho da lança e do arado,/ E a Dulcinéia terá, vivo a seu lado,/ O senhor D. Quixote verdadeiro!”.

Como no epílogo da *Mensagem* de Pessoa, esta Ibéria do “Pesadelo do Quixote” é uma pátria política, humilhada e ofendida pelo desrespeito aos valores humanos, aos do espírito, aos da cultura. Uma pátria que assassina os seus poetas como se fez a Federico Garcia Lorca, a “rosa de Granada” do poema de Torga. Ou impondo-lhes uma outra espécie de “morte” pela humilhação e pelo silêncio, como em Portugal se fez ao próprio Torga, recolhido pela polícia política à cadeia do Aljube, em 1940, proibindo-se-lhe a manifestação do pensamento e a circulação dos livros que tiveram edições apreendidas e destruídas. Esta Ibéria é a de um Portugal do Estado Novo e a de uma Espanha do pesadelo franquista.

Vários outros pontos permitiriam ainda a aproximação entre *Mensagem* e *Poemas ibéricos*. Não é possível esgotar o assunto no breve espaço deste texto, mas pode-se chamar a atenção para dois ou três pontos de interesse. Por exemplo, o que naquele livro de Pessoa e neste de Torga é introdução poética à matéria de cada um ou mais exatamente à apresentação da terra de que tratam e que virá a ser o berço dos heróis que a um e a outro vão interessar. Em *Mensagem* um poema-pórtico situando numa Europa que “jaz, posta nos cotovelos:/ De Oriente a Ocidente [...], fitando” provavelmente o mar e a terra e o futuro incerto, um Portugal de “românticos cabelos” e “olhos gregos” de “olhar esfíngico e fatal”. E o rosto com que essa Europa fita, é Portugal. Assim o poeta situa no seu livro, geograficamente e poeticamente, a terra e a nação de que vai tratar. Torga de alguma maneira o segue na proposição. Também num poema-pórtico que se chama “Ibéria”:



Terra.
Quanto a palavra der, e nada mais.
Só assim a resume
Quem a contempla do mais alto cume,
Carregada de sol e de pinhais.

Terra-tumor-de-angústia de saber
Se o mar é fundo e ao fim deixa passar...
Uma antena da Europa a receber
A voz do longe que lhe quer falar...

Terra de pão e vinho
(A fome e a sede só virão depois,
Quando a espuma salgada for caminho
Onde um caminha desdobrado em dois).

Terra nua e tamanha
Que nela coube o Velho-Mundo e o Novo...
Que nela cabem Portugal e a Espanha
E a loucura com asas do seu Povo.

Na estruturação de ambos os livros é a mesma a função de cada texto poético: introdução à matéria a expor, proposição temática, exposição de cenário. Em Pessoa, Portugal, o “rosto” da Europa, em Torga, a Ibéria, “Uma antena da Europa a receber/ A voz do longe que lhe quer falar”. O *tom* é o mesmo: o da eloquência, mas mais dramática em Torga. Eloquência embalada na musicalidade dos versos longos que não exclui os breves, no exercício da liberdade estruturante da poesia, na construção de um ritmo próprio: no poema de Torga a predominância do decassílabo, alternado artisticamente, para o efeito musical, com um dissílabo (“Terra”) e três hexassílabos (“Só assim a resume”, “Terra de pão e vinho”, “Terra nua e tamanha”). No texto de Pessoa, “O dos castelos” (o primeiro de “Os campos”) a predominância é do decassílabo, com a intromissão de um hendecassílabo (“De Oriente a Ocidente jaz, fitando”) alternado com um hexassílabo (“Olhos gregos, lembrando”).

A técnica de alternar no mesmo poema versos longos e breves e criar esquemas de rimas próprios e diversificados, de texto a texto, é de Pessoa, sobretudo o da *Mensagem* e o das *Odes* de Ricardo Reis e viria a ser também de quase toda a poética de Torga, que, é bom lembrar, igualmente publicou uma

coletânea de *Odes*, como Reis, mas menos obediente ao “classicismo”. Assim, um e outro, ou seja, Pessoa e Torga, criaram formas poéticas próprias – embora semelhantes, talvez porque a partir da mesma raiz –, fundindo em poesia o clássico e o moderno e logrando obter resultados musicais dotados de tal espontaneidade que é como se resultassem do próprio ritmo interior de uma “respiração” que se exterioriza em texto, de uma natural dicção que se faz poesia.

Última aproximação que neste estudo faço entre Torga e Pessoa é a do poema “Sagres” – que nos *Poemas ibéricos* abre a segunda parte do livro, “História trágico-marítima” – com o “O Infante”, que na *Mensagem* inicia “Mar português”, segunda parte desta obra pessoana. Diz o poema de Torga:

Vinha de longe o mar...
Vinha de longe, dos confins do medo...
Mas vinha azul e brando, a murmurar
Aos ouvidos da terra um cósmico segredo.

E a terra ouvia, de perfil agudo,
A confidencial revelação
Que iluminava tudo
Que fora bruma na imaginação.

Era o resto do mundo que faltava
(Porque faltava mundo!).
E o agudo perfil mais se aguçava,
E o mar jurava cada vez mais fundo.

Sagres sagrou então a descoberta
Por descobrir:
As duas margens da certeza incerta
Teriam de se unir!

A aproximação faz-se possível não só por uma questão temática e nem mesmo da economia lírica de ambos os poemas, mas porque há evidências de uma sintaxe pessoana neste poema de Torga localizáveis, por exemplo, no efeito estilístico-discursivo de repetições como “vinha de longe o mar.../ Vinha de longe” ou “Era o resto do mundo que faltava/ (Porque faltava mundo)”, ou o paradoxo de expressões como “certeza incerta”, ou ainda no efeito contrapontístico e reiterativo de substantivos e verbos de mesmo prefixo: “Sagres sagrou”, “descoberta por descobrir”. Além disso, Sagres (Torga) é, na “mitologia” portuguesa, o lugar do Infante (Pessoa), da contemplação do longe, do mar



desconhecido, do sonho das descobertas, da união das margens de várias terras que pelo mar se haveria de fazer. É essa semântica “mitológica” tão portuguesa e tão pessoana, que o poema de Torga reflete, por entre efeitos de estilo. Na escrita de Pessoa, “Deus quiere, o homem sonha, a obra nasce. / Deus quis que a terra fosse toda uma, / Que o mar unisse já não separasse/ Sagrou-te e foste desvendando a espuma, // E a orla branca foi de ilha em continente,/ Clareou, correndo, até ao fim do mundo, / E viu-se a terra inteira, de repente,/ Surgir, redonda, do azul profundo.” Poderia fazer a demonstração de algumas aproximações pontuais em cada texto, algumas tão evidentes como o “Sagres sagrou”, de Torga, que reflete o verso pessoano “*Sagrou-te e foste desvendando a espuma*”, ou o “azul profundo” do qual se vê a terra surgir redonda e que no poema torguiano resulta no “azul e brando” do mar, murmurando “Aos ouvidos da terra um cósmico segredo”. Entretanto, mais importantes do que essas aproximações é a síntese temática, magistral em cada poema: “Deus quis que a terra fosse toda uma, / Que o mar unisse, já não separasse” (Pessoa); “Sagres sagrou então a descoberta/ Por descobrir: / As duas margens da certeza incerta/ Teriam de se unir!” (Torga).

II

Com relação ao “diálogo” entre a poesia de Torga e a de Régio, já referi, no início deste estudo, um certo desespero existencial, centrado principalmente no desejo da crença sincera num Deus que a Miguel Torga não se revela. Mas apesar do agnosticismo reiteradamente confessado pelo poeta, há uma qualquer religiosidade inata à sua poética e ao seu pensamento – dispersamente representado pela obra literária toda, em poesia, ficção e sobretudo no *Diário* – que se manifesta desde alguns títulos que são bastante significativos dessa religiosidade ou de uma cultura que a cerca. O mesmo se dá com Régio, religioso à sua maneira e que assim se diz nas *Confissões dum homem religioso* (1971). A autobiografia romanceada de Torga intitula-se *A criação do mundo* e estende-se pelos dias da criação, do *primeiro* ao *sexto*, numa evidente referência bíblica.

Limitada às respectivas obras poéticas a comparação entre os títulos, temos, de Régio, *Poemas de Deus e do diabo* (1925), *As encruzilhadas de Deus* (1936), *Mas Deus é grande* (1945), *A chaga do lado* (1954), *Filho do homem* (1961), e de Torga, *O outro livro de Job* (1936), *Penas do Purgatório* (1954) e ainda os de menor evidência religiosa (mas como alguma conotação de religiosidade) como *Lamentação* (1943), *Libertação* (1944), *Nihil sibi* (1948), *Cântico do homem* (1950) e *Câmara ardente* (1962). Esta listagem, limitada aos títulos de volumes, atingiria números impressionantes se estendida aos títulos dos poemas. Sobretudo em Torga, não obstante o seu agnosticismo. Mas de pouco ou nada valeriam, por mais expressivas que fossem, as conotações místicas dos títulos de um e de outro se não houvesse algo mais representativo de profundo, em termos de poética e de visão de mundo que permitisse ajuizar do “parentesco” entre os dois poetas. Mas isso existe, quer em termos textuais e em particular no tom discursivo, quer na visão dramática ou mesmo desesperadamente trágica que um e outro têm da existência, quer ainda no tema recorrente da luta entre Bem e Mal e na poesia como destino e castigo que põe o Poeta como ser dilacerado nessa luta. Ser Poeta, em Régio como em Torga, é suportar um destino ou uma missão de sofrimento.

Em Régio, poemas como “Painel”, “Legião”, “Diário”, “Histórias para crianças grandes”, ou o famoso “Cântico negro” (todos de *Poemas de Deus e do diabo*), sintetizam essa luta e o dilaceramento que ela causa. Em Torga são inúmeros os poemas que a demonstram e que assim poderiam ser postos em “diálogo” com os de Régio, mas há um ponto crucial que separa filosoficamente os dois autores: o ponto de partida de Régio é Deus e a grande luta do homem é a de estar com Ele, de lhe ser fiel entregando-se à Sua proteção não se deixando cair na tentação do mal. Em Torga o ponto de partida é o Homem, que, embora desejando Deus, não o encontra, tendo então de ser fiel a si próprio e aos seus valores humanos, procurando fazer deles um absoluto. Em Régio o confronto é entre Deus e o diabo, e, entre um e outro, está um homem torturado pela violência das forças opostas. Em Torga o conflito é do Homem consigo mesmo, sempre em constante e interior “guerra civil” (“É contra mim que luto. / Não



tenho outro inimigo.”). Um Homem que monologa e gesticula na direção de um deus invisível e mudo que não se lhe apresenta nem responde. Por isso Torga dirá “Não tenho deuses. Vivo / Desamparado. / Sonhei deuses outrora, / Mas acordei.” (“Princípio”, *Penas do Purgatório*). Desamparo e desespero são duas fortes recorrências na poesia do poeta, que assim se diz, nesse estado, quase a cada poema: “Sou eu, tão Grande e Pequeno/ Que nem sirvo para grão/ Da parábola da mostarda!/ Sou eu, que há vinte e sete anos/ Vivo sem Anjo da Guarda.” (“O Lázaro”, *O outro livro de Job*). Esse Homem solitário e consciente da sua grandeza e pequenez, das suas glórias e misérias, não tendo a quem recorrer para a sua proteção ou desabafo, é a si mesmo que confessa as suas faltas ou se orgulha das suas virtudes:

Aqui diante de mim,
Eu, pecador, me confesso
De ser assim como sou.
Me confesso o bom e o mau
Que vão ao leme da nau
Nesta deriva em que vou.

Me confesso
Possesso
Das virtudes teologais,
Que são três,
E dos pecados mortais,
Que são sete,
Quando a terra não repete
Que são mais.

Me confesso
O dono das minhas horas.
O das facadas cegas e raivosas
E o das ternuras lúcidas e mansas.
E de ser de qualquer modo
Andanças
Do mesmo todo.

Me confesso de ser charco
E luar de charco, à mistura,
De ser a corda do arco
Que atira setas acima
E abaixo da minha altura.

Me confesso de ser tudo
Que possa nascer em mim.
De ter raízes no chão
Desta minha condição.
Me confesso de Abel e de Caim.



Me confesso de ser Homem.
De ser um anjo caído
Do tal céu que Deus governa;
De ser um monstro saído
Do buraco mais fundo da caverna.

Me confesso de ser eu.
Eu, tal e qual como vim
Para dizer que sou eu
Aqui, diante de mim!”
 (“Livro de horas”, *O outro livro de Job*).

De algum modo esta tão humana “confissão” do “Livro de horas” ecoa uma humanidade revoltada que se faz ouvir no discurso largo do “Cântico negro” de Régio: “ ‘Vem por aqui’ – dizem-me alguns com olhos doces, / Estendendo-me os braços, e seguros / De que seria bom que eu os ouvisse / Quando me dizem: ‘vem por aqui!’”. Ambos entoam a Poesia com eloquência épica. Ambos têm alguma coisa de determinação nietzschiana ao afirmarem a liberdade na escolha de caminhos. Ambos – e particularmente Régio – têm alguma coisa da força agressiva dos poetas chamados “malditos”, da sua rebeldia, da sua iconoclastia, com algum satanismo à mistura. Baudelaire e Rimbaud não estão ausentes da poética de Régio, e a crueza de alguns versos o confirma: “Prefiro escorregar nos becos lamacentos, / Redemoinhar aos ventos, / Como farrapos, arrastar os pés sangrentos, / A ir por aí... [...]. Eu amo o Longe e a Miragem, / Amo os abismos, as torrentes, os desertos... / [...]. Ide, tendes estradas, / [...]. Eu tenho a minha Loucura! / Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura, / E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios... / Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém. / Todos tiveram pai, todos tiveram mãe; / Mas eu, que nunca principio nem acabo, / Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.” (“Cântico negro”, *Poemas de Deus e do Diabo*).

Por muitas vezes não só essas forças opostas – tornadas vigorosas linhas temáticas da poesia torguiana –, mas também esses poetas das “flores do mal” e das “temporadas no inferno” perpassam pela palavra poética deste novo Jó, deste “Orfeu rebelde”, deste Homem que entoa um cântico essencialmente humano em busca da libertação e parece arrastar a vida inteira no cumprimento das penas do seu purgatório. No cruzamento dessas “linhas” é que se dá o diálogo entre Régio e



Torga, como assim se pode demonstrar: “Ora pois: foi tal qual como vos digo: / Minha Mãe, certo dia, pôs a questão assim: / – Ou Ela, ou eu! / E ficou resolvido que no dia doze / Minha Mãe parisse, / E pariu! // Pariu e ninguém se opôs! Ninguém! / Como se fosse um feito glorioso / Parir assim alguém, tão nu, tão desgraçado,! / Por mim, / Ainda disse que não. Mas o seu Anjo da Guarda / Era forte e tenebroso... / E aquele frágil cordão / Deixou de ser o meu Pão, / O meu Vinho, / E a paz eterna do meu coração mesquinho. / [...]. // Deixou de ser aquela verdadeira / E sagrada ignorância do meu nome, / Que Satanás me disse, quando disse: / – Respira e come, / Respira e come, / *Animal!* / (A voz de Satanás já nesse tempo / Era humana e natural...) // Deixou de ser um mundo e foi um outro. / Foi a inocência perdida / E a minha voz acordada... / Foi a fome, a peste e a guerra. / Foi a terra / Sem mais nada. (“Romance”, *O outro livro de Job*).

“Romance” é um poema narrativo: conta a história do nascimento do poeta. Régio também teve um pendor para os poemas narrativos, como o são “Painel”, “Legião”, “O diário”, “Histórias para crianças grandes”, “O poeta doido, o vitral e a santa morta” e tantos outros (talvez a maioria) da sua obra poética. Torga é obsessivo na afirmação da sua humanidade absoluta e assim obrigado ao enfrentamento solitário de todas as guerras: “O Lázaro sou eu, não foi o Outro, / O das migalhas e das chagas podres. / [...]. // Sou eu, que não sou feliz no Céu nem no Inferno, / Porque no Céu há paz e no Inferno há guerra, / E a minha paz é outra e a minha guerra é outra... / [...]. // Sou eu o louco sem asas, / E que se lança aos abismos a cantar/ A Canção do Inocente... [...]. // Sou eu, o Alfa e o Omega/ E os sentidos singulares/ Que o Anjo-Satanás me prometeu... / Sou este Nobre-Vilão descalço e de gravata. / Sou este jornal sem data/ Que traz a infausta notícia/ Que ninguém leu.” (“O Lázaro”, *Idem*).

O “Lázaro” é o Homem em si mesmo, Alfa e Omega sem auxílio nem esperança, dilacerado entre Céu e Inferno, entre Anjo e Satanás, sem um sentido para a vida que não seja a própria vida ou a própria luta, mas afirmando-a, como conclui o poema: “Sou eu – e mostro-me todo/ Quem puder arranque os olhos/ E venha cheio de Fé/ Ver o Lázaro real/ Que não vem nos Evangelhos, / Mas é!...” (*Ibidem*). Deste poema ainda se poderiam destacar “falas” de Torga com Régio,



mas já não é necessário insistir. Torga, entretanto, vai ultrapassar esse “diálogo” na sua intensa humanidade: Régio não tem respostas, quando Torga deixa de falar do Homem- apenas-ele-mesmo para cantar ou lamentar o Homem-histórico, o Homem-político, o Homem na sua terra e no seu tempo. Com o Homem existencialmente revoltado, convive em Torga um outro ideologicamente rebelde, um Orfeu da luta intervencionista que a si mesmo se diz subversivo (“Porque não sei mentir, / Não vos engano: / Nasci subversivo.” – “Letreiro”, *Orfeu rebelde*), um “Orfeu rebelde”, como assim se declara: “Orfeu rebelde, canto como sou:/ Canto como um possesso/ Que na casca do tempo, a canivete,/ Gravassee a fúria de cada momento:/ Canto, a ver se o meu canto compromete/ A eternidade no meu sofrimento”. Esta poética da rebeldia encerra o “diálogo” com a poesia de Régio, que, nas suas convicções esteticistas, não poderia entender ou pelo menos aceitar um humanismo social, ainda que profundamente dramático ou mesmo trágico, que substitui o psicológico-existencial pelo histórico: “Canto como quem usa/ Os versos em legítima defesa./ Canto, sem perguntar à Musa/ Se o canto é de terror ou de beleza.” (“Orfeu rebelde”, *Idem*). Mas, se em Torga impressionam os poemas do patriotismo ibérico, os do “humano demasiadamente humano” de um Humanismo-em-si, os da luta do Homem consigo mesmo e com os seus mitos ou com a mística – anjos e demônios –, os da busca de uma crença ausente sempre a esbarrar no vazio e na presença do mal, não impressionam menos, quer pela coragem do autor, quer pela sua constância e coerência, quer pelos resultados estéticos que o substrato ideológico não sacrificou. A poesia de Torga é a de um homem reto, tido por alguns como inflexível porque o era consigo mesmo, incapaz de concessões, sobretudo a si próprio. É a poética de um ideário em dois sentidos: o de uma vida pessoal e o de um ser social. É a feição estética de uma ética.

É a este caráter humano, que se fez artista e pensador, que homenageio no centenário do seu nascimento, com este estudo, encerrando-o com um seu poema de profundo desalento mas paradoxalmente vigoroso, inspirado pelos dias cinzentos de nevoeiro espesso em que não havia horizonte possível. Nevoeiro contra o qual (embora fosse outro) não só Fernando Pessoa lançou a mensagem do



seu grito – “É a hora!” –, mas também Torga – que sempre afirmou a sua vocação de órfico e de bardo – clamou com o seu “Dies irae”:

Apetece cantar, mas ninguém canta.
Apetece chorar, mas ninguém chora.
Um fantasma levanta
A mão do medo sobre a nossa hora.

Apetece gritar, mas ninguém grita.
Apetece fugir, mas ninguém foge.
Um fantasma limita
Todo o futuro a este dia de hoje.

Apetece morrer, mas ninguém morre.
Apetece matar, mas ninguém mata.
Um fantasma percorre
Os motins onde a alma se arrebatava.

Oh! Maldição do tempo em que vivemos,
Sepultura de grades cinzeladas,
Que deixam ver a vida que não temos
E as angústias paradas!
 (“Dies irae”, *Cântico do homem*).

Olinda, junho/julho de 2007



Bibliografia

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. In _____. *Mensagem e outros poemas afins*. Lisboa: Europa-América, 1990.

RÉGIO, José. *Poemas de Deus e do Diabo*. 8. ed. Porto: Brasília Editora, 1972.

TORGA, Miguel. *Antologia poética*. Coimbra: [ed. de autor], 1985.

_____. *Cântico do homem*. 3. ed. Coimbra: [ed. de autor], 1954.

_____. *O outro livro de Job*. 4. ed. Coimbra: [ed. de autor], 1958.

_____. *Orfeu rebelde*. 2 ed. Coimbra: [ed. de autor], 1970.

_____. *Poemas ibéricos*. Coimbra: [ed. de autor], 1965.

